

INTRODUÇÃO

A Crise da Educação Física entre as suas subáreas não é uma crise, é um projeto

Historicamente, os campos sociais são espaços de disputa por melhores condições de domínio, ampliação das possibilidades de manutenção/ perpetuação das relações de poder. Assim, muitas são as formas de ações que podem ser desenvolvidas para que esse domínio permaneça nas mãos daqueles que detém o maior capital social. As formas de subversão são rapidamente rechaçadas e as ações/discussões que buscam qualquer tipo de alteração dessa dinâmica intracampo encontram resistências das mais variadas ordens. Ostracismos epistemológicos, articulações que visam a manutenção do poder, configuram-se como o *modus operandi* de um grupo sobre o outro. Essa sistematização e busca pela padronização de ações, homogeneiza os pensamentos e parte da premissa Debordiana de que: “o que aparece é bom, o que é bom aparece”.

A luta por fazer “aparecer” determinado tipo de saber sobre outro, é um dos mais antigos subterfúgios da dominação, hierarquizando saberes e ocultando as diferenças. Ao grupo que busca a subversão resta desenvolver mecanismos para alardear seus pontos de vista tentando manter viva essa disputa, evitando assim sua extinção. Entender esse campo de disputa é uma forma de autopreservação, já que a inculcação de um *habitus* que vai naturalizando a importância social de um conhecimento sobre o outro, minimiza a quantidade de agentes potencialmente subversivos, deslegitima determinado saber colocando-o como periférico e esses desdobramentos são sentidos nas reduções da quantidade de estudantes que valorizam os estudos das subáreas sociocultural e pedagógica, na redução de bolsas de produtividade em pesquisa (PQ) para pesquisadores dessas subáreas, no número de pesquisadores dessas vertentes nos programas de pós graduação, no quantitativo de candidatos para as vagas nos concursos em universidades e como não poderia ser diferente, na desvalorização perante a sociedade, ratificando a ideia de que a Educação Física se restringe aos conhecimentos biológicos. A crise entre as subáreas não é uma crise, mas sim um projeto.

A entropia do campo nos aponta para a extinção de parte da área. Essa desordem que tende ao caos, vem dando sinais de que uma reordenação da área está em curso. Mas, essa perspectiva, necessariamente transitória, foi deflagrada por agentes que detinham capital social suficiente para conduzir os rumos do campo a partir do que, para eles, era a Educação Física. Os primeiros profissionais nos primeiros cursos de graduação e pós-graduação eram

médicos, não havia como a trajetória ser diferente. Mas como nos ensina o “efeito borboleta”, após o *start* não se sabe o que acontecerá, nem os precursores imaginavam no que o campo se tornaria hoje.

O Movimento Renovador, em sua maioria, foi mais um exemplo de resistência a esses desdobramentos. A inserção sistemática dos pensamentos das ciências humanas e sociais foram determinantes para uma mudança paradigmática para a área. Mas, as mudanças estruturais são, em geral, utópicas, não se busca as transformações para nós, mas para além de nós. Essa autofagia é tão nociva que seus impactos não podem ser completamente mensurados. Ao mesmo tempo, cabe aos envolvidos nessa disputa abrirem-se ao diálogo, construindo sintropicamente movimentos que conduzam a equidade, favorecendo as diferenças.

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte ao longo da sua história tem se mostrado, assim como o Fórum de Pesquisadores/as das subáreas Sociocultural e Pedagógica e o Fórum da Pós-Graduação, como um espaço privilegiado para que essa dinâmica intracampo seja exposta e discutida. Visando a manutenção dessa tradição, entre os dias 30 de novembro de 2022 e 1 de dezembro de 2022 aconteceu o encontro temático intitulado *Impactos da avaliação da área 21 (2017/2020) sobre a produção de pesquisadores das subáreas sociocultural e pedagógica da Educação Física*. De forma remota, reuniram-se professores e pesquisadores de várias partes do país para discutir sobre esta relação que se constrói entre as subáreas da Educação Física, em especial sobre a biodinâmica e sua atuação autofágica sobre o campo.

Durante as mesas, editores de revistas, pesquisadores de programa de pós-graduação e Coordenadora de área puderam expor seus pontos de vista e compartilhá-los com as centenas de pessoas que passaram pelo evento ao longo de seus dias. Este livro é fruto desse evento, os textos que o compõem são oriundos das falas dos palestrantes em conjunto com seus respectivos materiais de apresentação.

O grande desafio para viabilizar esse livro foi atingir a fidedignidade do que foi dito no evento, com a noção da dificuldade que seria transformar a oralidade em um texto inteligível, fluído e acadêmico. Solicitamos aos autores que, após enviarmos as transcrições, alterassem conforme necessário. Poderiam incluir coautores e ainda organizar as informações dispostas nas transcrições da forma que desejassem. Fizemos um único pedido, que tentassem não extirpar por completo a oralidade, tentando oferecer ao leitor uma simbiose entre a oralidade e a escrita. De certo, apenas transcrever uma fala não seria eficaz para a interpretação do texto. As entonações e os trejeitos se perdem na frieza da tela do computador. Esse

processo trata-se de uma mudança de códigos, o texto transcrito passa a ser grafado e essa transformação passa a ser encarada como uma transcrição (MEYHY; HOLANDA, 2007)⁸.

As transcrições foram feitas dentro dos parâmetros de cada palestrante. Cada um pode mediar o quanto de aproximação ou distanciamento da oralidade era confortável para se chegar ao texto final. O resultado pode ser visto nas páginas deste livro, espaço em que, em um único local, temos a sinergia entre a palestra, a transcrição e a transcrição forjada a partir das reflexões de cada autor, baseada em sua própria fala associada ao que ele gostaria de deixar sobre si de legado do evento.

Esperamos suscitar nos leitores reflexões sobre a nossa área. Queremos, após o evento e a leitura deste livro, amplificar as discussões sobre os rumos da Educação Física brasileira, pois, o que hoje parece inofensivo aos olhos de muitos, pode ser o fator determinante para uma descaracterização do campo. Precisamos de mais subversivos, mais intelectuais que entendam o campo, porque nós não estamos em constante transformação, nós somos a transformação.

Que a leitura seja proveitosa!!!

Inverno de 2023.

Silvio Telles
Coordenador do Fórum de Pesquisadores/as das Subáreas
Sociocultural e Pedagógica e do
Fórum da Pós-Graduação do
Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte

⁸ MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: contexto, 2007.